



SÍNODO
LISBOA 2016

RELATÓRIO FINAL DO QUINTO
TRIMESTRE

1. Constatações

1.1. Externas: olhar para o mundo

Porventura devido às fragilidades na vida da Igreja e dos cristãos, muitos são incapazes de reconhecer nas ações da Igreja aquilo que os cristãos acreditam ser ações do Espírito Santo. Paradoxalmente, alguns sentem nos cristãos um espírito diferente do do mundo, visível, por exemplo, na ascese de quem se levanta sempre mais cedo para rezar.

Alguns notam a exigência orante em outras religiões, nomeadamente no islão.

Verificamos que há na sociedade muitos atos imbuídos de um espírito intrinsecamente cristão, embora realizados por não crentes.

Situações como o crime organizado e o terrorismo fazem que seja cada vez mais difícil que a sociedade se sinta como um mesmo povo.

1.2. Internas

A pluralidade dos carismas evangelizadores vê-se no Espírito a concorrer para a unidade da Igreja. Muitos olham de forma pessimista para os fracassos na evangelização. De uma forma geral, o fracasso é rapidamente classificado como injustiça que causa amargura em vez de ser visto como um caminho para a maturidade espiritual. Estamos muito marcados por um olhar excessivamente para aquilo que fazemos, embora a maioria esteja consciente de que os nossos projetos são maiores do que nós e por isso não têm de correr estritamente como desejamos. Confiamos pouco nos efeitos a longo prazo do kerygma. E somos pouco capazes de ler a realidade à luz do Espírito.

Muitos notam que as atividades comunitárias se regem ainda pelo improvisado, havendo pouca diligência por parte dos agentes pastorais. Muitos vivem ainda instalados na sua vida, e pouco abertos à dinâmica comunitária; para muitos, é fácil encontrar falsas desculpas para a sua inação. A este propósito, é de notar que ainda há anonimato e solidão em excesso nas nossas comunidades e no ambiente social em que se inserem.

O testemunho dos irmãos – que não é o exemplo mas a experiência de um caminho que aponta para Deus – é um ponto fundamental para a evangelização e para a conversão. Neste sentido, a vida comunitária é um estímulo para um compromisso renovado na vivência cristã. Face às dificuldades que se encontram na vida espiritual, encontram-se duas

atitudes: olhá-las como um obstáculo ao compromisso renovado ou entendê-las como um impulso para o mesmo.

Relevante entre as várias formas de piedade popular, a piedade mariana é um lugar incontornável na evangelização na realidade portuguesa, particularmente para pessoas mais afastadas da realidade eclesial. As visitas da Imagem Peregrina e a diversidade de movimentos marianos dão conta deste facto. A devoção mariana, com efeito, deixa em todos fortes laços afectivos, importantes marcas de afinidade e profundos vínculos materno-filiais. Sabe-se que uma verdadeira e firme espiritualidade mariana é uma forte ajuda para a vivência cristã familiar; do mesmo modo, é também claro que muitas das devoções marianas são expressão de sentimentos que pouco ou nada conduzem à imitação das virtudes da mãe de Jesus. Maria é vista como a principal fonte de inspiração para a vida crista, ainda que haja quem sinta que a devoção mariana ofusca a relação dos crentes com Deus.

A maioria dos cristãos não está preparada para saber descodificar a linguagem da fé e anunciá-la.

A alegria dos cristãos nem sempre é evidente. Alguns questionam se de facto ela está enraizada na nossa existência. De facto, quer a alegria, quer a falta dela tornam-se manifestas para a comunidade.

Proporcionar um primeiro encontro é algo para que nem sempre estamos preparados, particularmente porque muitos na sociedade estão indiferentes à questão da fé, ou porque o drama em que muitos vivem é para nós um obstáculo.

A vitalidade de muitos padres, nomeadamente dos de idade mais avançada, é algo que interpela as comunidades. Inversamente, uma atitude pastoral onde reina o egoísmo também é sentida, quando existe.

A vontade de crescer na vida cristã é manifesta; é significativo que muitos procurem com esse objectivo aqueles em quem reconhecem uma experiência espiritual mais profunda (evidentemente os padres, mas também os seminaristas, os religiosos, e outros cristãos tidos como mais experimentados). É a experiência de nos sentirmos amados que nos impele para evangelizar. No entanto, não há ousadia na evangelização. Prova disso é a escassez de ensaios na dinâmica do sínodo diocesano.

Refere-se um desconhecimento geral da Sagrada Escritura e do Magistério.

Muito não sabem rezar. Mas muitos complexificam a realidade da oração. De uma forma geral, a oração é referida por muitos como algo não suficientemente vinculado com compromissos concretos em favor dos mais necessitados, funcionando frequentemente como uma mera fuga do mundo e dos problemas dos homens. Há um desfasamento entre oração e missão, que leva a que se experimentem as tarefas diárias como um peso e com cansaço. Na realidade, sem oração, a missão é desprovida de conteúdo; com efeito, a oração e missão complementam-se e, neste sentido, para muitos, a oração é fonte do chamado ‘espírito de serviço’. Podemos dizer que a oração já e missão, bem como o é também a vida familiar e profissional, ou ainda as experiências de voluntariado. E, inversamente, muitos entendem missão apenas como a atividade estritamente de missionação.

Refere-se que a realização pessoal, do ponto de vista cristão, é entendida como algo ligado mais ao sacrifício e à ascese do que ao ‘prazer espiritual de ser povo’. Face à oração comunitária, a oração pessoal tem primazia nas nossas comunidades, enquanto recurso a Deus nos momentos difíceis; daí que sejam mais recorrentes as orações de súplica do que as de agradecimento e louvor. No entanto, ela é ainda frequentemente olhada apenas como dever e deixada para segundo plano. Neste sentido, o tipo de oração dos tempos de criança constitui uma memória importante que funciona para o futuro. Alguns falam da rotina como um dos grandes obstáculos a fazer da oração um espaço de relação real com o próprio Deus. O ritmo apressado em que vivemos dificulta o recolhimento e a concentração na oração. Do mesmo modo, um espírito fútil e o excesso de informação causam dispersão e alheamento. Na oração pessoal, verifica-se que a maioria dos cristãos não experimenta o gosto de uma leitura orante da Palavra; porém, as recentes aplicações informáticas de apoio à oração tem tido uma recepção muito favorável.

A oração comunitária, por sua vez, tida como fundamental pela maioria, nem sempre pode ter lugar, por condicionalismos de horário ou de mobilidade (no caso de muitos idosos). Reconhece-se que há comunidades que oferecem muitos momentos de oração, cujas presenças são reduzidas; ao mesmo tempo que outras oferecem apenas a missa dominical. Também é referido que, comunitariamente, a oração traduz-se primordialmente na missa diária, mas também na recitação do terço, na adoração ao Santíssimo Sacramento e na oração familiar; e, ainda que apenas extraordinariamente, em procissões, peregrinações e outros acontecimentos como visitas pastorais dos bispos ou as festas paroquiais. A este propósito, é referido que as visitas pastorais tidas como algo muito frutuoso, pelo facto de proporcionarem aos bispos e às comunidades um encontro e conhecimento mútuo, sendo

também oportunidade para que surjam diretrizes mais concretas para a orientação da vida da comunidade. Muitos falam na oração de intercessão como algo que torna manifesto a ação de Deus por meio de nós, consciencializando-nos para a generosidade, a solidariedade e dando-nos um maior sentido de comunidade. Muitos louvam iniciativas como as ‘24 horas para o Senhor’. Alguns movimentos propõem a Liturgia das Horas, principalmente as Laudes dominicais, como oração familiar.

Alguns referem que os tempos litúrgicos fortes ajudam ao compromisso e ao sentir comunitário.

Alguns referem que a celebração das exéquias é uma oportunidade pastoral tanto para ministros ordenados como para leigos.

Quando pensamos na evangelização, alguns referem uma tendência a esquecer os antigos e as dificuldades e proveitos que experimentaram na vida de fé.

2. Desafios (pelas três dimensões fundamentais da ação da Igreja)

2.1. Liturgia e Espiritualidade [Sacerdotal] + Kerygma e evangelização [Profético]

Crescermos na vida de oração, particularmente na profundidade, na fidelidade, na qualidade e na dimensão de intercessão, a fim de que seja daqui que nasça a nossa alegria de evangelizar. Neste sentido, desenvolver o hábito de dedicar tempo para a oração pessoal, procurando fazer a experiência da misericórdia de Deus nos caminhos e dramas do mundo. No mesmo sentido, recorrer mais à confissão e particularmente à direção espiritual.

Apostar na criação de grupos de oração nas paróquias e comunidades, bem como na sua formação.

Aprender de Maria o espírito de serviço e de verdadeira humanidade. Alguns falam na importância de desenvolver um modelo mariano de evangelização, que anuncie a predileção de Deus por cada um, à imagem de Maria.

Fazermos da oração o lugar do discernimento dos caminhos a seguir para a evangelização, não vivendo como se Deus não existisse (caindo num planejamento apenas

intelectual) e procurando que seja o Espírito a evangelizar em nosso nome, ensinando-nos a reconhecer as feridas dos outros. É importante que tenhamos consciência de que aquilo que leva ao ‘salto para a fé’ é a ação sobrenatural do Espírito, ainda que recorrendo à nossa natureza, a qual, por isso mesmo, se deve sintonizar com o Espírito. No mesmo sentido, temos como desafio aprofundar o modo pelo qual deixamos que a oração permeie todo o nosso agir missionário (antes, durante e depois do encontro com quem evangelizamos). Neste contexto, é também relevante que tenhamos presente que a sede de Deus está presente em todos os homens e que isso precede a nossa ação evangelizadora. Neste contexto, o nosso papel prende-se mais com o despoletar ou provocar as perguntas existenciais por Deus.

É um facto que, sem oração, a ação é voluntarismo; e sem ação, a oração é intimismo. Porém, o problema que constatamos não é tanto que haja pessoas que rezam sem evangelizar, ou pessoas que evangelizam sem rezar, mas que não exista mútua interioridade entre a oração e a evangelização.

Consciencializarmo-nos de que a missão não é uma parte da vida cristã, mas algo que a ela está intrínseco. Enquanto agentes evangelizadores, é um desafio que façamos um exame de consciência sério relativamente ao nosso ardor pela santidade, por viver ao ritmo do Espírito e em resposta dialogante com Jesus, uma resposta de quem não encara os desafios que vão surgindo como um peso mas os olha a partir de Deus.

Consciencializarmo-nos de que, mais do que um mero ativismo, aquilo que é relevante para a evangelização é a experiência de sermos um povo que se reconhece num mesmo caminho e que simplesmente está lado a lado, tendo em conta as dificuldades e os sofrimentos uns dos outros e a realidade plural em que nos inserimos. Aquilo que nos define enquanto povo é a comunhão que resulta do entrecruzar das relações tu-a-tu, na consciência de que fazemos parte da carne crucificada de Cristo.

No momento de medir a eficácia da evangelização, libertarmo-nos de critérios meramente humanos (como contabilizar os participantes, ou pensarmos a evangelização como uma fórmula a aplicar), e aprendermos a saber esperar os frutos ao ritmo de Deus: o sucesso das coisas é que as coisas aconteçam.

Sermos consequentes com o olhar de Deus sobre o mundo, o que implica que cultivemos um olhar de gratidão, de louvor e de esperança sobre os momentos de crise que atravessamos.

Crescermos no acolhimento e na capacidade de ir ao encontro dos que são diferentes, procurando fazer um verdadeiro caminho cristão com aquele que temos para acolher, implicando-nos na vida dele. Quanto ao acolhimento, desenvolver o envolvimento de voluntários que se envolvam realmente com a vida daqueles que acolhem, incluindo telefonicamente. Do mesmo modo, formar grupos que possam apresentar o espaço arquitectónico e o património artístico da Igreja, como dispositivo evangelizador.

Consciencializarmo-nos de que conhecer a vida dos santos pode ser um factor de aproximação à fé, na lógica de sabermos propor os modelos adequados de uma humanidade atrativa e possível. Esta proposta pode começar pela nossa própria vida, sendo aí importante que não caiamos no moralismo e que não tenhamos a presunção de que a nossa história seja uma história de perfeição.

Tomarmos consciência de que a fé não é apenas um ponto de chegada mas um progressivo desvelar de uma relação com Deus, onde os momentos de dificuldade são reais.

Alguns sugerem que se alterem os procedimentos de transmissão do Evangelho, e pedem um planeamento estratégico a médio e longo prazo na área da comunicação, que dê importância a uma comunicação eficaz, que por sua vez recorra aos poderosos meios atualmente existentes e que acompanhe a evolução tecnológica.

Fomentar uma reflexão sobre as causas do desinteresse e do abandono da Igreja por parte de muitos crentes, sobretudo jovens.

Olhar para os problemas atuais (nomeadamente para a questão dos refugiados e de outras crises que hoje atravessamos) como uma oportunidade.

Desenvolver uma relação de maior abertura entre os sacerdotes e os leigos.

Repensar o modelo catequético, tornando-a um lugar de encontro com Jesus, de apelo à conversão e de exposição eficaz do conteúdo teológico da mensagem, no seguimento da constatação de que o longo percurso catequético não tem na esmagadora maioria dos casos alcançados estes objetivos.

Olhar para os momentos de preparação para os sacramentos como uma oportunidade pastoral de acolher e formar aqueles que apenas nestas situações procuram a Igreja.

Melhorar a comunicação entre as paróquias, que é escassa, e criar redes mais aptas aos nossos dias, não sendo necessário ter vergonha em copiar o que já se faz bem.

2.2. Diaconia e Serviço [Real]

Promover e fomentar nos cristãos uma vivência evangélica de luta pela justiça, pela verdade, pelo bem universal, e sobretudo pela dignidade do homem.

Consciencializar para a importância de uma atividade eclesial que se dedique real e empenhadamente à cura da alma, bem como para a importância do envolvimento eclesial da luta pelo valor da vida humana.

3. Ensaios

Introdução de Vésperas na comunidade.

Distribuição a cada domingo de um desafio feito a partir de citações da *Evangelii gaudium*.

Foi-se buscar os mais idosos a casa para a Missa dominical e o almoço que se segue.

Criação de grupos paroquiais de leitura e meditação do Evangelho de São Lucas.

Projeto organizado para visitas a idosos e a reclusos.

Projeto Desafio à Esperança, desenvolvido para auxílio para as pessoas que se tentaram suicidar.

Criação de uma rede entre vizinhos de partilha de intenções para a oração.

Um dos ensaios recebidos foi a organização de noites de oração numa casa particular na cidade de Lisboa. Esta iniciativa realizou-se 3 vezes ao longo deste ano: no princípio do ano civil, em Setembro, no Natal e na semana da Páscoa, prevendo-se uma quarta em Julho antes do período de férias. Foram convidados para estarem presentes nesta oração os vizinhos do prédio (com um cartaz junto ao elevador) e outros amigos (através das redes sociais). Participaram em cada uma destas noites entre 15 a 20 pessoas, estando também sempre presente um padre. Alguns frutos já identificados são: o entusiasmo crescente que toda a família ganhou com a organização desta iniciativa, que inicialmente era apenas de um membro da família; a descoberta/identificação de católicos no prédio; o surgimento de um grupo de oração numa paróquia com integração de alguns vizinhos, fruto da identificação referida anteriormente; a réplica desta iniciativa em casa de uns amigos que estiveram presentes numa destas noites; a capacidade de chegar a algumas pessoas que se consideram mais afastadas da Igreja.

4. Sugestões para melhoramento da caminhada sinodal

Alguns grupos constatam que a sua experiência sinodal tem tido pouco apoio à condução dos trabalhos.